

## Sexualidade e envelhecimento: dilemas do corpo masculino

**Regiane de Oliveira Lima**

Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO.

✉ [regiane.luc@hotmail.com](mailto:regiane.luc@hotmail.com)

**Francisco Francinete Leite Junior**

Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e em Psicologia pela Faculdade Leão Sampaio (FALS).

Integrante do Geni - Grupo de Estudos sobre Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades na Educação e na Saúde (UERJ) e do LIEV - Laboratório Interdisciplinar de Estudos da Violência (FALS).

Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio- UNILEÃO

✉ [francinetejunior@leaosampaio.edu.br](mailto:francinetejunior@leaosampaio.edu.br)

Recebido em 12 de novembro de 2017

Aceito em 24 de maio de 2018

### Resumo:

O presente estudo objetiva abranger a intersecção dos conceitos de sexualidade, envelhecimento e masculinidade para a compreensão das representações do corpo envelhecido para os homens idosos, tal como a sexualidade e os desafios da manutenção da masculinidade na contemporaneidade. Os aspectos metodológicos empregados para este fim incidem em um relato de experiência de oficinas temáticas desenvolvidas com idosos, tais homens são frequentadores de um equipamento social e participantes de grupos de convivência. Os dados registrados em diários de campo foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin. Com isso, obtêm-se, enquanto resultados, os diversos fatores que contribuem para a construção da subjetividade do idoso a respeito do corpo masculino em torno da sexualidade, entre eles os valores e a manutenção das normas em detrimento dos encontros contemporâneos na mídia e na sociedade. Entende-se, portanto, que o envelhecer na atualidade é um desafio que vai além de carregar os estigmas sociais, e insere-se em uma dimensão cultural que padroniza os corpos, as relações sexuais e a masculinidade numa esfera que neutraliza o sujeito e o enquadra na jovialidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Envelhecimento, Corpo, Masculinidade.

## Sexuality and aging: male body dilemmas

### Abstract:

The present study aims to encompass the intersection of the concepts of sexuality, aging and masculinity for the understanding of representations of the aged body for older men, such as sexuality and the challenges of maintaining masculinity in the contemporary world. The methodological aspects used for this purpose focus on an experience report of thematic workshops developed with the elderly, such men are frequenters of a social equipment and participants of groups of coexistence. Data recorded in field diaries were submitted to Bardin content analysis. As a result, we obtain, as results, the various factors that contribute to the construction of the subjectivity of the elderly with respect to the male body around sexuality, among them the values and the maintenance of the norms to the detriment of the contemporary meetings in the media and in the society. It is understood, therefore, that the aging in the present is a challenge that goes beyond loading the social stigmas, and inserts itself in a cultural dimension that standardizes the bodies, the sexual relations and the masculinity in a sphere that neutralizes the subject and the it fits into joviality.

**Keywords:** Sexuality, Aging, Body, Masculinity.

## Sexualidad y envejecimiento: dilemas del cuerpo macho

### Resumen:

El presente estudio pretende abarcar la intersección de los conceptos de sexualidad, envejecimiento y masculinidad para la comprensión de las representaciones del cuerpo envejecido para los hombres mayores, tal como la sexualidad y los desafíos del mantenimiento de la masculinidad en la contemporaneidad. Los aspectos metodológicos empleados para este fin inciden en un relato de experiencia de talleres temáticos desarrollados con ancianos, tales hombres son frecuentadores de un equipo social y participantes de grupos de convivencia. Los datos registrados en diarios de campo fueron sometidos al análisis de contenido de Bardin. Con ello, se obtienen, como resultados, los diversos factores que contribuyen a la construcción de la subjetividad del anciano respecto al cuerpo masculino en torno a la sexualidad, entre ellos los valores y el mantenimiento de las normas en detrimento de los encuentros contemporáneos en los medios y en la comunicación la sociedad. Se entiende, por tanto, que el envejecer en la actualidad es un desafío que va más allá de cargar los estigmas sociales, y se inserta en una dimensión cultural que estandariza los cuerpos, las relaciones sexuales y la masculinidad en una esfera que neutraliza al sujeto y al hombre enmarcada en la jovialidad.

**Palabras clave:** Sexualidad, Envejecimiento, Cuerpo; Masculinidad.

### INTRODUÇÃO

O presente estudo é constituído por uma intersecção entre as discussões em torno da sexualidade e do envelhecimento a partir das concepções acerca do corpo masculino. Para isso, tem-se como eixo central os dilemas decorrentes do processo de envelhecimento do corpo do homem a partir das representações sociais.

Com isso, apresenta-se relevante o interesse por aprofundar os conhecimentos acerca do tema, tendo em vista as inquietudes apresentadas na prática de estágio na clínica psicológica, em que as demandas advindas do corpo e da sexualidade no homem idoso geravam uma angustia significativa nesta fase da vida, demonstrando a importância em discutir a temática escolhida.

Evidencia-se tal interesse devido o crescimento populacional de pessoas acima de 60 anos, trazendo inúmeros desafios e consequências de uma população idosa com índices elevados de expectativa de vida. Desta forma, constitui-se na sociedade uma parcela de pessoas vivendo de forma intensa e ativa o envelhecimento, prolongando suas experiências de cunho sexual ficando suscetível aos riscos de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, ao mercado de estimulantes sexuais e da própria representação simbólica de um ideal de corpo perfeito apresentado pela mídia.

Em nível de importância acadêmica, tende-se a destacar os significados que exploram a sexualidade, o corpo e o envelhecimento, tendo em vista a ainda restrita discussão na Psicologia. Um espaço onde as discussões sobre a sexualidade masculina na terceira idade encontram-se silenciadas entre os estudantes e os profissionais inseridos nos sistemas abrangentes da saúde e também nas esferas sociais que têm como público essa população. Para isso, conhecer as particularidades inerentes aos processos de sofrimento, luto e angústia do não reconhecimento e da aceitação da limitação imposta pela velhice será de grande contribuição para o campo acadêmico.

Nesse sentido, esta pesquisa foi desenvolvida tendo como ênfase a busca pelos componentes que cercam a referida temática, trazendo um contexto reflexivo, propicio a compreensão da construção subjetiva e da importância de discutir a interseccionalidade entre corpo, sexualidade, envelhecimento e masculinidade em épocas contemporâneas.

Para tanto, problematiza-se neste contexto: quais as influências do envelhecimento do corpo masculino sobre o desempenho da sexualidade na contemporaneidade? Para tal fim, objetiva-se, compreender as representações do corpo envelhecido para os homens idosos em relação à sexualidade e os desafios da manutenção da masculinidade na contemporaneidade.

## **O CORPO QUE ENVELHECE: INTERSECCIONANDO CONCEITOS**

No propósito de sistematizar a interseccionalidade enquanto ferramenta de entrelaçamento de conceitos, Pocahy (2011) propõe essa produção de saber como possibilidade de compreensão das desigualdade e da dominação nas relações de poder. Como consequência, tem-se um corpo, em um campo discursivo sobre gênero e sexualidade que se destaca nas intersecções, nas quais a associação entre conceitos torna-se fundamental para elaborar um novo olhar acerca sexualidade no idoso em torno do corpo envelhecido.

Pocahy (2011) apresenta ainda que a interseccionalidade diante de componentes socioculturais subjetivos contribui com a forma de intervir e de compreender os delineamentos a respeito dos estereótipos encontrados na sociedade e retroalimentados pelas normas invisíveis de categorização do sujeito, para com isso os intercruzamentos existentes entre o envelhecimento masculino e a sexualidade no desvelamento do corpo em potencial passam pelo poder dominante dos repasses do tempo.

Diante disso, a visão do corpo vem levantar uma gama de questionamentos a serem discutidos na relação com o envelhecimento, onde a subjetividade resguarda neste entrelaçamento as mudanças ocorridas pela percepção do tempo cronológico, onde o avançar da idade e o tempo são possíveis produtores de sentido e reprodutoras de concepções culturais. Para isso, é primordial um recorte histórico sobre o corpo, tendo em vista que Nogueira e Alcântara (2014) explanam que é o envelhecer é um processo inerente ao ser humano, entretanto, como se vê e se vive este envelhecer é que muda de acordo com as percepções sociais e culturais da época contemporânea.

Iniciando através da dimensão histórica do sec. XVII produzida na relação entre homem e sociedade sobre o corpo, destaca-se na visão de Foucault (1999) de que “os corpos pavoneavam” (p.9), uma expressão que reflete um contexto vivenciado em uma época em que a exibição dos corpos, a reprodução dos discursos, a contemplação da beleza do corpo e as expressões corporais faziam parte da produção peculiar do momento e da vida social dos sujeitos.

A construção social formalizada no reenquadramento do corpo a todas as expressões da sexualidade dentre os ditos morais impostos pela sociedade, são sintetizadas por Foucault (1999), por onde “o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpam os discursos” (p.10), formulam-se aqui o quadro da invisibilidade propagada do corpo e do sexo a partir do viés da moralidade inscrita no discurso social, resguardando este a um lugar onde não houvesse um incômodo para a sociedade.

Foucault (1988), expõe a interdição ligada diretamente à repressão, em que silenciar as manifestações do corpo nas esferas sociais era manter a imposição das ideologias da época, estabelecendo a inexistência da sexualidade através de um processo de negação, conectando-se a uma situação em que se fizesse relevante cobrir o corpo e a sexualidade com o véu da decência e do pudor, proporcionando assim, resquícios da coibição trazida na severidade ao qual se tratava os assuntos sobre o sexo.

Tendo em vista o cenário contemporâneo ligado ao corpo e a atualização decorrente da cronologia do tempo, a perspectiva trazida por Lima e Rivemales (2013, p.154) expõe que:

O corpo é tudo aquilo que somos, mas também aquilo que nos escapa que nos ultrapassa, que não nos pertence. É nele que marcas/símbolos culturais são inscritos e funcionam como um modo de classificar, agrupar, ordenar, qualificar e

diferenciar, posicionando de diferentes modos os sujeitos na escala social e determinando quem pertence ou não a certas classificações de corpo: magro, alto, belo, branco, jovem, heterossexual, saudável, entre outros (LIMA e RIVEMALES, 2013, P. 154).

Em consonância com os discursos advindos das relações de saber/ poder tomam o corpo e produzem o dispositivo da sexualidade não por uma via restritiva mas, ao contrário, elas fazem falar do corpo e do sexo, esquadrinhando a biologia, a fisiologia, as sensações e desejos; numa relação de imanência saber/poder/subjetivação. É pela confissão, pelo exame, pela produção incessante de discurso sobre corpo e sexo que se pretende estabelecer relações de poder, de governo entre os homens. Entende-se, que não há repressão da sexualidade, mas produção incessante de verdades sobre a sexualidade que pretendem estabelecer hierarquias e formas de governo de si e dos outros. As classificações assentadas no âmbito social colocam-nos diante de outras formas de repressão, de negação e de reformulação de práticas que impõem aos sujeitos contemporâneos a articulação de cobrir os corpos que não desejam.

Para com isso, Andrade (2003), discute as dicotomias existentes através do questionamento da definição de corpo:

[...] aquele cantado em versos ou aquele da ciência; aquele que a mão acaricia ou aquele da estética; aquele da juventude ou aquele da velhice; aquele da mídia e do mercado de consumo ou aquele descrito como natural; aquele do homem ou aquele da mulher; aquele da religião ou aquele da lei; aquele da arte ou aquele da medicina; aquele da cirurgia plástica ou aquele da academia (ANDRADE, 2003, P.20).

De acordo com Andrade (2003) a representação que se atribui ao corpo flui de variadas dimensões, contextualizando as esferas nas quais emergem os aspectos perspicazes da nomenclatura que se fundem com os padrões básicos advindos da sociedade, seja ela na produção social, midiática ou biológica, trazendo a visibilidade da hegemonia de alguns corpos e o desviante de normas de outros. Produz-se, ao mesmo tempo, a visibilidade de todos os corpos a partir da definição da norma hegemônica e de tentativa de apreensão de todos os desvios possíveis. Norma e desvio só existem em articulação. Esse bloco não se mantém ao longo do tempo de modo que o que é normal ou não é produzido historicamente. Bem como as hegemonias.

Contudo, o mercado consumidor preponderante na sociedade ampara com perfeição a venda de uma felicidade em torno de uma imensidão de alternativas, sustentada teoricamente no declínio desse corpo, Le Breton (2007), pontua na subjetividade do discurso

de que “a retórica da alma foi substituída pela do corpo sob a égide da moral do consumo” (p.84), onde assim, aos olhos da sociedade o homem idoso deixou de ser símbolo de sabedoria e em substituição percebe-se o aumento gradativo do bloqueio da maturação do corpo, assim, cada vez mais se encontra a venda desenfreada de um ideal de corpo nutrido pelo comércio e pela mídia em uma função mantedora de felicidade.

Em meio a esse processo encontra-se o corpo enquanto um objeto no íntimo de sua essência seja na esfera biológica como na psíquica, tendo este o lugar de consumo, ao qual é constantemente construído e reconstruído pelas relações influentes de poder reproduzido nos discursos da mídia e do mercado estético e farmacológico, com propósito de reduzi-lo apenas a um organismo.

Rinaldi (2011) ao adentrar a uma segunda visão sob o corpo, ou seja, o corpo reinventado pelas cirurgias e procedimentos estéticos em uma constante luta para evitar o encontro com a velhice e com a morte, com isso, “o que se vê são intervenções que muitas vezes promovem a separação entre corpo e sexualidade, entre corpo e desejo” (p.442), ao restringir as emoções ao uso do corpo físico e na afirmação da capa simbólica que reveste o corpo belo.

Em complementariedade com o relato apresentado, Louro (2000) convoca o questionamento do corpo enquanto afirmação da identidade, sem questionamentos divergentes e nem opostos, onde pontualmente a cultura nesse contexto influência sobre a determinação dessa identidade e da sua reformulação através das marcas que definem o corpo. Para Lima e Rivemales (2013), a produção do corpo, enquanto reflexos da construção social em diferentes expoentes da cultura, discute as percepções que os sujeitos trazem das relações estabelecidas nos grupos sociais e que surgem na maneira que vivenciam o seu corpo.

Em um diálogo com os autores citados acima, Le Breton (2007) no âmbito da sociologia remete ao delineamento da produção simbólica do corpo enquanto uma interlocução com a dimensão cultural e por ela transformado, inserindo na mesma proporção que recebe os estímulos sociais produtores de sentido, discutindo a respeito da constituição do corpo a partir da representação da identidade de indivíduo e, assim, não se trata apenas de corpos e sim de composições de gêneros.

Para tanto, Louro (2000) aponta a articulação entre o semblante do corpo em discrepância com as experimentações advindas dos desejos e das necessidades, realocando as formas geradoras de identidade através dessas marcas, sendo elas destoantes enquanto

representativa das formas vivenciadas pelo corpo e suas mudanças oportunizadas pelo tempo.

Focalizando o corpo enquanto representação e afirmação de que se é potencialmente vivo e ativo, é que o corpo no processo de envelhecimento impõe aos sujeitos o enfrentamento do real, independente do gênero, cor ou raça. Assim, um novo cenário se constitui na sociedade, apontando um novo panorama emergente na sociedade, uma instância coletiva ao qual precisa despertar o olhar em torno dessa nova categoria.

Araújo, Sá e Amaral (2011, p.469) salientam que:

O processo de envelhecimento é um fenômeno que se caracteriza por sua heterogeneidade, multicausalidade e multifatorialidade. Assim, as mudanças corporais ocorrem ao longo do desenvolvimento humano e são paulatinamente construídas e reconstruídas pela influência dos aspectos psicossociais, históricos e culturais. Tal fato relacionado à corporeidade na velhice assume um simbolismo que pode influenciar diretamente a autoimagem das pessoas idosas e a forma como estas representam o seu processo de envelhecimento (ARAÚJO, SÁ e AMARAL).

Conjecturando sobre isso, Lima e Rivemales (2013) discutem acerca do envelhecer na atualidade, trazendo-o como um processo em constante mudança, que reflete de modo a alterar a percepção que se tem dos valores ligados à ética, a estética e a própria subjetividade ligada ao envelhecer.

Aproximando com a corrente discussão Maia (2008), ressalta a aproximação cada vez mais intensa da velhice na sociedade atual, demandando uma reformulação acerca do imaginário social que se têm da pessoa idosa, no qual os estereótipos direcionados veementemente não se configuram como expressões que os classificam, o corpo passa a ocupar lugar fundamental neste espaço, tendo em vista, a relevância atribuída aos ditos sociais configurados no corpo enquanto um reprodutor de belezas físicas.

Rosa (2015), em comum acordo com as expressões salientadas elucida aqui os investimentos realizados em torno da velhice, designados pelo termo *adultescência*, uma terminologia que enfatiza a busca por um exterior jovem revestido em diversos aspectos desse sujeito, seja nas roupas, na forma de levar a vida ou nas expressões corporais, levando a crer que a velhice só poderia ser exercida mediante a caricatura de símbolos de jovialidade.

A partir desse arranjo, Pocahy (2011) sintetiza o ideal de beleza como fator preponderante na atual constituição social, onde o corpo que se mantém com aspecto jovial

se destaca enquanto intermédio da representação do sujeito forte, viril e até mesmo incansável. A intersecção entre o corpo, envelhecimento e sexualidade se depara com os tortuosos ditames que a sociedade impõe sobre a sexualidade enquanto forma de desempenho corporal e no empenho de suprir as linhas da contemporaneidade que exalta os corpos perfeitos. A partir disso, propõe-se a discussão sobre da norma que impõe os limites da sexualidade para o homem idoso.

### **SEXUALIDADE E MASCULINIDADE: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NA VELHICE**

Tendo a sexualidade e a masculinidade como base para a promoção de um discurso contemporâneo em que se reconhecem os rótulos ligados às particularidades das normas, encontra-se na fala de Lopes (2011) em que as normatizações do gênero feminino ou masculino são pautadas em diferentes elementos da sociedade, seja na linguagem médica, religiosa, política, relações pessoais, seja na mídia, podemos perceber os comportamentos determinantes que se constroem e se sustentam como modelos.

O estabelecimento dos absolutismos recorrentes das normas elencadas no decorrer dos tempos em um mito, que permanece potencializado com a força das rotulações, provoca um atravessamento no sujeito e o desvelando enquanto apenas objeto pertencente aos construtos sociais. Nessa conjunção, Lopes (2011) aponta que “por meios de vários saberes e discursos, visibilidades e dizibilidade, imagens, experiências e vivências construímos e naturalizamos a masculinidade e a feminilidade, os masculinos e os femininos.” (p.7).

Não obstante a isso, o saber designado pela passagem das gerações é claramente propagado na atualidade, trazendo o sexo de cada pessoa enquanto definidora de seu gênero, pois, as normas são previamente bem estabelecidas desde o nascimento, onde se encontra uma rede social, inicialmente constituída pela família, pelos pares, pela sociedade em geral.

Le Breton (2007) em um paralelo com as dicotomias existentes entre o homem e a mulher acerca da constituição biológica do corpo, exhibe os referenciais ao qual a sociedade diferencia os gêneros, proporcionando a visualização da lógica dos significados que determina o sexo biologicamente, colocando a mulher diante da concepção de fecundidade e procriação e o homem enquanto potencial fecundador, onde o “encorajamento para a doçura do lado feminino tem em contrapartida do lado masculino o encorajamento à virilidade”

(p.67). Neste sentido, encontra-se a mulher na posição de sexo frágil, permanente na postura de dependente, e ao homem o dever patriarcal da masculinidade.

Diante disso, Foucault (1998) nos retrata as normas e os valores morais pregados pela religião, em que a sexualidade, diretamente relacionado com o ato sexual, é nitidamente colocada como umas das condições ligadas ao mal e ao pecado instruindo os indivíduos a contê-la na castidade e no interior de um casamento, tendo como finalidade a reprodução. Para com isso, Connell e Messerschmidt (2013) discute o conceito dessa masculinidade, a qual chama de hegemônica, contextualizando a terminologia sob o universo de significados que construiu em torno desse pensamento, tendo em vista o poder, a supremacia, a desigualdade de gênero, como um recorte da corrente histórica cultural que evolui em torno de sua aceção, atribuindo contornos de dominação em prol da normatização do masculino.

Welzer-Lang (2001), questiona essa normatização através de uma aprendizagem adquirida no respeito aos códigos e normas que operam e delimitam o universo de ser homem, que insere esse sujeito a um processo de constituição do masculino no repasse hierárquico imprescindível para se posicionar diante “do saber ser homem” (p.463), uma aprendizagem que tem com finalidade, ao máximo, de se diferenciar da figura da mulher.

A discussão acerca da masculinidade permeia entre o poder advindo das normas sociais e a reprodução de um padrão instituído, a partir disso, identifica-se na fala de Connell e Messerschmidt (2013), um contexto formulado através da nomenclatura inicial do termo, em que consiste no ideal de que a masculinidade hegemônica “incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ele exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (p.245).

Os autores acima trazem esse pensamento como mutável ao longo do tempo, mas se encontra resquícios sutis em variadas situações. O colapso da permanência do sujeito enquanto pertencente a esta concepção vem ser traduzida na força do patriarcalismo ainda existente. Entretanto, Silva e Macedo (2012) em uma pauta discursiva acerca da crise da masculinidade, são imponentes em dizer que diante das mudanças ocorridas com ascensão do feminismo, o homem padece diante da despreparação para enfrentar os diversos estilos que se apresenta da mulher contornando os espaços que eram dominados por eles.

Silva (2006) percebe esse espaço de mudança como a destruição dos mecanismos de defesa do patriarcalismo que dá suporte para a hegemonia da masculinidade, de acordo com

o modelo instaurado de virilidade e o padrão heteronormativo, uma visão atual que destaca na apresentação de uma masculinidade plural que, assim, enfraquece os antigos conceitos e abre caminhos para redefinição dos papéis sociais e posição do homem na sociedade.

A partir desse contorno, Rohden (2012) salienta que o pensamento masculino acerca da sexualidade ainda encontra-se vinculada a ereção, tendo em vista que o homem sofre com a preocupação com a sua saúde sexual no momento do aparecimento de disfunção erétil, confirmando o auge que as medicações para problemas eréteis alcançaram diante desse público, com o poder advindo dos construtos sociais de masculinidade alimentada na soberania da desenvoltura do órgão sexual.

O poder dominante da masculinidade sustenta em algumas ocasiões a idealização de um prolongamento da ereção e a manutenção ativa da sexualidade proporcionada pelo citrato de sildenafila, conhecido amplamente por Viagra, os valores que atribuem à manutenção da sexualidade na velhice encontram-se entrelaçadas no ideal performático de masculinidade que se criou na sociedade, com o pensamento em vigor.

Freud (1930 [1929]) sublinha que a felicidade imbuída de seus desejos segue das circunspeções de valor para homem, argumentando neste esfera o apoio nas fantasias para o sujeito. Notabiliza-se aqui, que a procura por felicidade encontra-se na fronteira da beleza e da virilidade, um grau de demarcação imperiosa que sustenta a ilusão de que a sexualidade encontra-se neste limite.

Silva, Vasconcelos e Ribeiro (2013) ao adentrarem a perspectiva de um amadurecimento da sexualidade encontram vinculados aos dados do IBGE a relação do aumento populacional de idosos e o crescente surgimento de HIV/AIDS entre esta faixa de pessoas, tendo em vista que, as campanhas preventivas distribuídas pela rede de saúde não atinge com êxito esse público, ao qual reproduz os sinais da invisibilidade na terceira idade ao tratar da sexualidade

Em um debate proveniente de pesquisas sobre a AIDS e sua consistência na vida sexual do idoso, Silva, Vasconcelos e Ribeiro (2013) destacam enquanto achado de pesquisa uma maioria no índice de idosos heterossexuais com casos de contaminação, ressaltando que além de terem uma vida sexual ativa costumam não ter a preocupação em manter uma segurança nas suas relações.

Uma observação pontual de pesquisa Faro *et al.* (2012), ressalva que o advento dos medicamentos para problemas sexuais masculinos, popularizados com os termo de “pílula azul” ou a famosa marca de medicamentos “viagra”, trazia soluções simples e de fácil manipulação para o problema fisiológico em referência aos métodos ultrapassados para tratar esta questão. Os compostos sociais pertencentes à lógica da masculinidade preenche a venda da fórmula perfeita para as dificuldades de ereções, massificando a ideia de que a sexualidade não se perderia diante de tal fato.

Outro argumento trazido pela consonância na impressão marcada do uso do Viagra é visto em Rohden (2012), em uma síntese sob a medicalização da sexualidade trazida como a finalidade de que “o discurso que cerca a saúde sexual no contexto contemporâneo enfatiza, sobretudo uma regeneração da potência sexual individual” (p. 2651). Realizando assim, um agrupamento de preposições que visualiza a sexualidade masculina como sinônimo de características de uma pulsante energia física.

Antunes (2010) chama a atenção em seu trabalho para o “gênero e a velhice classificados por intermédio de atos que reiterados transmitem a impressão de que há uma espécie de essência fixa e natural, que se manifesta no corpo de cada um.” (p.11). Pontuando as normas que são paulatinamente repetidas e mantidas na forma de conservar a hegemonia presente nestes dois conceitos, tanto o gênero como a velhice carregam as reproduções enraizadas em definições que atravessam o tempo.

Em discordância com o respectivo discurso, Ribeiro (2010) trata da masculinidade e do sentido atribuída a ela, tanto na esfera social como na pessoal, plausível de mudanças ao longo da vida, permitindo a busca de novas concepções e contornos ao gênero no momento que se envelhece, flexibilizando os ideais cravados na sociedade acerca do exercício da masculinidade para o homem idoso.

Santos (2008) vêm trazer a sexualidade enquanto permanente com o decorrer dos tempos, onde os componentes que influenciam os desejos, os carinhos, a cumplicidade ficam intactos no processo de envelhecimento, mantendo o homem idoso com possibilidades reais de vivenciar a sua sexualidade além do ato sexual.

Em uma análise teórica sobre a sexualidade, Foucault (1984) em seu trabalho sobre o uso dos prazeres detêm a trazer o conceito a partir de sua relação com outros componentes, sejam eles atrelados a sua função biológica de reproduzir, de caráter individual e a sua função

sociocultural, sem deixar de explicar o seu contexto de normas e de possíveis regras, aos quais foram implantadas em ideias tradicionais e reinventadas em novas concepções de normatividade instauradas na contemporaneidade.

Por conseguinte, Foucault (1984) liga a sexualidade às experiências de cada sujeito, levando-os a compreendê-la enquanto reconhecimento de pertencer a uma construção de si que vincula-se a produção de novos saberes sob a articulação de regras e normas sociais, culturais e subjetivas, configurando aqui os efeitos de épocas repressivas que dilacera ainda na sociedade atual.

Ressaltando esse contexto contemporâneo, Silva e Macedo (2012) destaca o padecimento do sujeito enquanto seu sofrimento psíquico com o esforço em compreender essa subjetividade emersa nos excessos culturais, onde a percepção de encarar as personificações desse masculino nas novas representações sociais leva os sujeitos a temer os agravos advindos dos mesmos.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo traz em sua composição os aspectos da sexualidade, do corpo e do envelhecimento através de um relato de experiência advindo de oficinas temáticas desenvolvidas com idosos no período de setembro à novembro de 2016. Tais homens são frequentadores de um equipamento social e participantes de grupos de convivência. Tal estudo traz a significação atribuída aos componentes interpretativos na percepção e na compreensão do próprio pesquisador, quando as experiências pessoais se vinculam como instrumento subjetivo para desempenhar o estudo.

O loco no qual será desenvolvido o estudo está situado no equipamento da assistência social, denominado de Centro de Referência do Idoso (CRI), localizado em um bairro da zona urbana de uma cidade de médio porte da região do Cariri cearense, onde o universo da pesquisa contou com a participação dos sujeitos de pesquisa. Contou-se com 05 homens idosos frequentadores de uma instituição social vinculada ao atendimento multidisciplinar de idosos, sendo todos convidados a participar livremente das oficinas. Tendo como critérios de inclusão as idades acima de sessenta anos, se considerar do gênero masculino, ser frequentador da instituição escolhida e residir na Região metropolitana do Cariri. Entre os

selecionados temos idades entre 60 e 80 anos, sendo quatro sexagenários e um septuagenários, sendo que dois casados, um solteiro, um viúvo e outro divorciado, apenas um relatou morar sozinho, a colaboração dos mesmos seguiu na livre produção de fala acerca do corpo durante as oficinas.

A coleta dos dados foi realizada em dois momentos através de oficinas em grupo, em que se utilizaram de elementos disparadores, como desenhos e imagens diversas na reprodução de lembranças, opiniões, gestos e posicionamento da fala. Sendo assim, Flick (2009), apresenta-a como um dispositivo que promove um arranjo entre os participantes, estimulando e suscitando a produção desinibida e autêntica dos discursos. A fala dos participantes foi construída livremente com o andamento da oficina.

As oficinas desenvolvidas foram construídas com temáticas diferentes, entretanto, ambas interligadas, utilizando os temas de “o corpo em (des)construção” e “a sexualidade no encontro com a velhice”, baseando-se em uma estrutura coerente e promovedora de diálogo entre os participantes. A primeira oficina trabalha a percepção que se tem do corpo envelhecido e a segunda cogita os aspectos da sexualidade para o idoso homem na vertente contemporânea.

Inicialmente na proposta metodológica da oficina corpo em (des)construção continha em seu repertório a utilização da produção de desenhos do corpo como método disparador de debate, porém, não foi necessário, devido a ânsia dos sujeitos em falar livremente sobre o assunto, abordando a temática de forma clara e objetiva, sendo assim posteriormente realizado os desenhos como sistematizador do fechamento da oficina.

No segundo momento contou com a presença de três dos cinco participantes da ocasião anterior, caracterizando como os sujeitos dessa nova etapa, mesmo assim foi possível realizar um encontro ao qual discutisse acerca da sexualidade para o homem contemporâneo através da edificação de uma discussão emergidas na apresentação de imagens representativa da sexualidade na velhice. Uma sexualidade tratada por Ribeiro *et al.* (2014) como desenhos de expressões vivenciadas de forma ampla e diversa, não cabendo impedimento de ser vivida em qualquer fase da vida de sujeito.

Como suporte metodológico foram utilizadas imagens da sexualidade do idoso, sendo elas retiradas de forma intencional da internet, na tentativa de estimular discursos que estivessem alinhados a temática do estudo. Utilizou-se uma base de dados amplamente

utilizada denominada de *google imagens*, apresentando-as na tentativa de ampliar as perspectivas sobre os gêneros, trazendo pontos que levantassem questionamentos e anseios acerca da sexualidade e as formas ao qual ela se apresenta na velhice.

As utilizações das oficinas como instrumento prático evocaram o significado que cada sujeito tem de seu corpo ao envelhecer, constituindo os aspectos relevantes para a compreensão da vivência da masculinidade em épocas contemporâneas, incluindo a elaboração do envelhecimento do corpo nos reflexos de sua saúde sexual e psicológica.

Para a composição dos dados foi elaborado diários de campo, onde consta o conteúdo das vivências das oficinas. Os diários de campo foram utilizados como principal ferramenta de registro das narrativas trazidas pelos participantes, que serão sistematizadas e posteriormente analisadas detalhadamente.

Após a leitura dos dados coletados, os conteúdos emergentes foram transcritos em um diário de campo, ao qual trouxe a ampliação da pesquisa e os dados pertinentes a elaboração de uma discussão entre os conceitos ressaltados na percepção dos teóricos abordados e os elencados nas oficinas, categorizando-os em tópicos descritivos e articulados nas verbalizações dos participantes.

Para a realização da referida análise dos dados obtidos em pesquisa, cabe nesse contexto a análise de conteúdo, onde Flick (2009) detalha esse procedimento como uma técnica em que os dados são sublocados em categorias para a redução do material analisado, utilizando um mecanismo síntese da avaliação de conteúdo, realizando os recortes relevantes do discurso e reduzindo as repetições.

Trata-se, portanto, de um tipo de análise que engloba expoentes referentes aos disparadores de fomentação do discurso dos participantes, Bardin (2009, p.21), retrata que “na análise qualitativa é a presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento que é considerado”.

## DISCUSSÃO

### Oficina Corpo Em (Des)Construção

Durante o percurso das oficinas observa-se que todos os participantes sentem um impacto intenso da chegada da velhice em relação ao corpo, prevalecendo à percepção de que são nítidas as mudanças ocorridas e que acolher essas transformações requer uma aceitação de que a finitude é um elemento cada vez mais presente. Surgiram na oficina corpo em (des)construção três subcategorias a ser analisadas acerca da forma com que os sujeitos percebem o corpo no processo de envelhecimento, sendo destacadas a potência versus fragilidade, as mudanças e expressões corporais e o próprio sentimento de perda.

Na subcategoria potência versus fragilidade compõe-se do dilema existente entre o corpo jovem e o corpo velho, ao qual, ergueu-se no discurso de um participante e reafirmado pelos demais, o ideal de que o homem quando chega à velhice torna-se frágil diante das inúmeras atividades, inclusive a respeito da sua potência física e sexual.

O termo fragilidade é um componente que se insere com força no discurso do idoso, amparado por duas vertentes, uma trazida como sendo um modo de ser do corpo ao chegar à velhice e outra como consequência das diversas patologias crônicas que afetam diretamente o funcionamento do corpo.

De acordo com Ramos e Diniz (2008), a ideia cultural de que os homens não são frágeis e que os corpos são selados para o adoecimento teve como ponto primordial a reprodução desse discurso também nos órgãos de saúde e nas instituições sociais. Assim muito dos cuidados relativos ao corpo são negados pelos estereótipos ligados a masculinidade, onde a ausência de busca por cuidados existentes nesses setores são motivados pela crença patriarcal que o homem é forte e resistente aos mais variadas tipos de adoecimento.

Diante dessa vertente, Ribeiro (2010) contempla essa percepção com a força assumida pelos papéis sociais, ligados na permanência da crença que foi construída nos rótulos da masculinidade aos comportamentos atrelados à saúde do homem, em que as intervenções socioculturais promovem a estruturação desses comportamentos, ao qual as identidades e a execução desse gênero são adequadas para a sustentação do conceito de masculinidade na vida social desse sujeito.

Ao se tratar da potência puderam-se configurar as variadas expressões que sustentam essa terminação, em um viés emblemático, pois ao mesmo tempo em que o termo viabiliza as questões ligadas ao sexo e às dificuldades atribuídas a manutenção da sexualidade na velhice para homens, é percebida em outro lado como construtos que representa a desaceleração do corpo em torno de sua força física.

Em outra vertente categórica, encontram-se as mudanças e as expressões corporais vivenciadas pelos participantes, uma subcategoria com relevante destaque, pois postula como apresenta-se as mudanças emergentes nas transformações do corpo com o avançar da idade, deixando evidentes as características físicas do envelhecimento em que causam desconforto e angústia.

Partindo desse princípio, Araújo, Sá e Amaral (2011) trazem as características físicas do corpo no envelhecer como a preocupação com a perda da força muscular, a capacidade de trabalho e manter a sua posição de provedor do lar se configura como fator proeminente para os homens, quando o desempenho do corpo em todas as esferas mantem o ideal de ser homem.

Corroborando com isso, Coelho, Giacomim e Firmo (2016) discutem as questões relacionadas à saúde do homem através da percepção do corpo envelhecido, ao qual o comportamento masculino liga-o a um aspecto de fragilidade, das limitações incapacitantes pelo adoecimento e a necessidade do outro nessa inserção aos cuidados da saúde, apresentando-os enquanto planos de fundo da figura masculina.

O reviramento das lembranças do corpo enquanto jovem na comparação com o corpo envelhecido mostra a visão desfavorável que se atribui a nova realidade. De acordo Pocahy (2011), essa conotação de valores ao corpo jovem focaliza-se na idealização da beleza como aspecto majoritário, onde a ideia de leveza, vigor e perseverança foram incorporadas pela sociedade em diversos aspectos que tentam modificar e melhorar os aspectos físicos para manter a jovialidade do corpo.

Com isso, outra subcategoria entrelaçada neste contexto é o sentimento de perda, luto e angustia ao qual compõe as dificuldades de movimentos, de manter as atividades rotineiras, a necessidade de ajuda do outro, o agravamento das doenças e a fragilidade em que se encontra o corpo. Aspectos tragos na narrativa seguinte:

“Tenho uma doença degenerativa que afeta diretamente meu corpo, que além de estar velho, estar inválido para realizar as maratonas que tanto gostava” (Sr. C)

O impacto das mudanças do corpo e as limitações ocasionadas no processo de envelhecer são percebidos pelos idosos de forma diferenciada, pois em ponto atinge o envelhecimento enquanto uma etapa de uma apreensão dos valores deste corpo através do melhor cuidar, ao mesmo tempo em que, tornar-se o lugar do esquecimento e do fracasso.

Coutinho, Tomazeti, e Acosta (2013) trazem o lugar do envelhecimento como uma fase que surge diante de perspectivas positivas e negativas, variando de acordo como os sujeitos são influenciados e encaram esse novo percurso. Com isso, as falas dos participantes salientam este contexto através das seguintes explicações:

“À vida começa a partir dos 40, pois, começamos a cuidar melhor do nosso corpo e se arriscar menos” (Sr. A)

Em consonância com o relato apresentado, Nasio (2009) questiona que o sujeito de modo algum é capaz de saber ou perceber o corpo da forma a qual ele se apresenta, e sim, pela condição que almeja ou, até mesmo, por aquilo que se tem receio. Assim, as representações sobre o término e o começo visualizados na ótica direcionada ao corpo, se apresentam de forma distintas, alterando o discernimento quanto a vivência do corpo antes e depois de determinada fase da vida.

“À vida termina após os 50, por que tudo começa a ficar mais difícil, nosso corpo fica sem potência” (Sr. B)

Para Matos (2012), em vista da sociedade de consumo, o envelhecimento é correlacionado com o descuido do corpo, com o exercício de atividades de riscos e a falta de adoção de métodos comportamentais benéficos à saúde, ao qual diante disso, o corpo que sofre as consequências das violações e entra em um declínio fatal, não merecendo nenhum tipo de compaixão.

“Quando era jovem, fumava demais, quando eu parei de fumar foi que eu aumentei de peso, os vícios acabam com o corpo da gente.” (Sr. D)

A afirmação de que a juventude entrelaçada com a noção de poder advinda da masculinidade hegemônica coloca esses sujeitos no desafio de manter hábitos que afirmem o comportamento adequado do homem, mesmo que tragam consequências em projeções futuras, como a destacada na fala do participante.

Acerca das pontuações situadas no grupo, surge como evidente o desprazer e a angustia, trazidos aqui como uma categoria que aglomera os demasiados sentimentos que envolvem o corpo, entre eles a tentativa de aceitação às mudanças, conforme o seguinte relato:

“Temos que aceitar essa condição, o tempo não volta mais” (Sr. E)

Násio (2009), pontua que o produto final da vida vem representado na melancolia do corpo indesejado, quando sentir o peso da velhice como uma resignação fortalecida no ideal social que se estabelece na atualidade. Em torno disso, encontra-se relevantes mudanças na subjetividade que se atribui a ele, retratada na fala apresenta abaixo:

“Quando se envelhece tudo fica diferente, a pele não tem brilho, a boca fica enrugada, não enxergamos direito, os cabelos caem e ficam brancos, perdemos os nossos dentes, o nosso organismo é lento, não temos mais equilíbrio, nem físico e nem psicológico” (Sr. A).

Nesse âmbito, as características físicas mostraram-se extremamente relevantes para os sujeitos investigados, em que o corpo bem cuidado é sinônimo de atratividade e de bem-estar, diferente dos resultados de Araújo, Sá e Amaral (2011), tendo em vista ter resultados positivos frente a questões da importância na aparência para os idosos.

Pocahy (2011) em uma visão articulada com as narrativas acima postula que o corpo que realmente importa na sociedade contemporâneas é o corpo ágil, vigoroso, produtivo, com aspectos fisiológicos joviais, as peles viçosas, brancas, têm este o poder mantido nos conceitos da formulação idealizada da modernidade.

## Oficina Sexualidade No Encontro Com A Velhice

A composição dos conteúdos surgidos nessa oficina propôs uma discussão em cima dos aspectos concernentes da sexualidade para o homem idoso, a vista da imagem que o representa e ao que o coloca diante dos desafios da velhice, pode-se articular as vivências da heteronormatividade sob as fronteiras dos limites do tempo e da cultura social ao qual foram inseridos. Detalha-se, portanto, as subcategorias descritas da seguinte forma: os mitos e os tabus em torno do desejo, tensões da sexualidade: orientação sexual e virilidade e, a imagem corporal do idoso.

Para com isso, a subcategoria a ser alocada na discussão seguinte, apresenta-se como o desvelar do desejo entre os mitos e a realidade para o homem idoso no posicionamento de sua sexualidade, para com isso, Ribeiro *et al.* (2014) ressalta os mitos e a ideologia dos tabus reforçado na falta de informações acerca da sexualidade na velhice e nas próprias concepções, crenças que se encontram em uma fase da vida que não cabe a possibilidade de novos vivências e encontros sexuais. Entretanto, em meios a olhares tímidos e silenciosos deterem-se a escolherem as imagens que mais lhe chamassem atenção, diante disso os sujeitos iniciaram a fala acerca da representação que a respectiva imagem trouxe para si.

Com as imagens expostas, os homens circularam em torno delas e apreciaram com um moderado receio, receio este enfatizado pelo Sr. A, um idoso de 67 anos, casado pela terceira vez, 12 filhos, e que relata ter uma vida sexual moderadamente ativa, onde a imagem que representa a sua escolha trouxe a questão do carinho e do amor existente nos relacionamentos dos casais, pois todo esse contexto é por ele considerado como um ambiente que dá condições para um vida sexual tranquila, postuladas nos seguintes ditos:

“Eu sou como esse senhor aqui, que trata com muito amor a mulher, o homem que tem amor tem tudo na vida, quando recebe e o retribui”. (Sr.A)

A imagem recolhida pelo Sr. B, é a representação de um beijo, uma expressão que lhe remete aos seus desejos, “eu gosto muito de beijar, eu sou meio viciado”, o Sr. B é um idoso com 73 anos, separado, atualmente mora sozinho e está solteiro, e relata ter uma vida muito bem ativa sexualmente. O Sr. C não realizou nenhuma escolha de imagem, um homem de 67 anos, solteiro, caracterizado pela sua imponência na fala, deteve-se a questionar o Sr. B acerca

da sua escolha, ao indaga-lo acerca do seu conhecimento do que representava o conteúdo daquela imagem, ou seja, diversidade sexual e de gênero, tomando o lugar de saber, revestido de estereótipos, ao Sr. B coube a atitude de recolher a imagem ao seu lugar original.

O Sr. B levanta um debate sobre o tabu que existiu e ainda existe na sociedade acerca dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, entretanto, destaca o respeito e a clareza nos seus sentimentos como fonte de sustentação para qualquer tipo de relacionamento porque “*O amor não tem sexo e não tem idade*” (Sr. B).

Diante desse episódio, encontra-se a subcategoria tensões da sexualidade: orientação sexual e virilidade, onde o Sr. B, um homem de muitas palavras e, empoderado da discussão sobre a sexualidade, fomentou a oficina com a construção de um diálogo sobre o envelhecimento e a sexualidade para os homossexuais e para os “homens normais”, revelando o termo enquanto a afirmação de que “é um homem que não tem essa falha” enquanto o “o homossexual vive em mundo diferente”, expressão usada para referir-se ao heterossexuais, no acolhimento do sexo como peculiar na vida de ambos os sujeitos, tomando o direcionamento do uso da compreensão e aceitação dos seus limites como preponderante para a sexualidade do idoso, independente do gênero e de suas opções sexuais.

Em uma realidade que normatiza a sexualidade heterossexual, a escolha de uma foto que trata de um gesto de carinho entre as duas mulheres trouxe o incômodo para o Sr. C, que tentou com veemência justificar a sua falta de percepção acerca da representação da imagem, como se fosse algo irreal na sua vida. Também há de destacar a preocupação do Sr. A teve em perguntar sobre os sexos das pessoas que compunham a sua escolha.

Ao trazer as percepções acerca dos relacionamentos diversos foi destacado o tabu também existente com os casais com idades relativamente diferentes, onde as questões geracionais foram por eles discutidas a partir do viés trazido nas opiniões que circulam acerca do interesse financeiro que sustenta essa relação, destacando aqui, uma categoria emergente nos discursos geracionais e os impactos sobre o corpo e a sexualidade.

Para este fim, Motta (2010) nos acrescenta que a sociedade utilizou-se da corrente imperialista da idade e do gênero ou do sexo como fundamento divisório da organização social, em que cada geração encontra-se alocada nos determinantes de sua idade e de seu gênero, compondo-se de discriminação e exclusão baseando na idade ao qual ele se insere,

preconceito este, ditado nas relações intergeracionais, onde as diferenças etárias refletidas no corpo e a credence de uma vida assexuada do idoso busca inibir e julgar os relacionamentos entre gerações diferentes.

Ao se falar nesses tabus, coube aqui provocar o diálogo com o questionamento das diferenças existentes entre a sexualidade na terceira idade para os casais heterossexuais e para os homossexuais. As respostas foram as mais completas possíveis, para os participantes o homem que chega à velhice junto com sua companheira não terá tantas dificuldades, porque há uma compreensão das limitações que o tempo proporciona, sendo mais difícil para o homem aceitar essa limitação.

“O homem sempre quer ser o galo do poleiro” (Sr. B).

Welzer-Lang (2001) permite relacionar a ideia de que no processo de socialização dos homens há de se destacar o desafio de sempre procurar métodos que os diferenciem dos comportamentos femininos, dos fracos e também dos homossexuais, rejeitando todo e qualquer fato que, de alguma forma, possa ferir o seu status de viril e coloque a prova a sua masculinidade, cabendo ao recaimento de que serão classificados tão igual a mulher no processo de dominação.

Ao que tange ao relacionamento na velhice, coube destacar a fala que expressava que ambos os sujeitos “*estão pra lá de Bagdá*” (Sr. B), sejam eles homo ou heterossexuais, adequando uma teoria que ambos os sujeitos inseridos na mesma condição fisiológica terá uma melhor condição de compreender as dificuldades do outro e os impasses atribuídas a velhice.

Porém, ao se tratar dos relacionamentos entre gerações, os participantes pontuam as diferenças na satisfação e no desempenho sexual, tendo em vista que, o tempo do idoso é bem diferente do tempo de uma pessoa mais jovem, não sendo correlacionado com o nível de obtenção de prazer. Ao falar do idoso nas suas expressões sexuais os participantes ressaltam o declínio que os acometem com o passar dos anos, relacionando com o período da juventude, onde todo o corpo funciona de forma bem ativa.

“Quem aparenta ser mais novo? Por que nós temos a mesma idade” (Sr. B)

Neste contexto destaca-se também as discussões em torno da potência e da virilidade permeada pelo uso de medicamentos para manter ou prolongar a ereção, sendo trazida pelos participantes como comportamentos que envolvem maiores riscos do que benefícios, evidenciando que nunca realizaram o uso de medicamentos para ter alguma relação sexual. Surge assim, o compartilhamento de informações acerca de elementos naturais que funcionam como estimulantes sexuais, como sendo as castanhas e os amendoins, poderosos benefícios para a manutenção de uma boa qualidade da sexualidade.

Ao ser evidenciado por um dos participantes a importância de falar sobre as doenças transmitidas pelo ato sexual, surge neste contexto uma subcategoria no que diz respeito aos comportamentos de riscos exercidos pelos idosos nas suas relações sexuais, nas quais o sexo sem preservativo é uma realidade praticada por esse público e confirmada pelo participante nas seguintes expressões:

“Fazer sexo com camisinha não dá prazer, a gente não sente nada, não presta, esquenta muito” (Sr.A).

Em torno disso, Neto *et al.* (2015) aponta para a preocupação do crescimento de infecção pelo HIV no público idoso, motivado pela concentração baixa de campanhas preventivas, onde julga o indivíduo nessa faixa como não representante de risco, na concepção estereotipada de que o idoso não mantém uma vida sexual ativa. Outro destaque se dá no próprio reconhecimento do idoso desse risco, tendo em vista uma percepção distorcida dos comportamentos dos idosos pela família, pelos profissionais da saúde e sociedade em geral.

Os idosos desta pesquisa correspondem a uma parcela muito pequena desse público, mais trazem consigo uma forte representação dos pensamentos do sexo masculino acerca da vivência da sexualidade na terceira idade. O poder da masculinidade é atribuído no contexto linguístico da oficina em diversas categorias, principalmente, na ideia de que o homem para se mostrar realmente homem não utiliza nenhum tipo de prevenção.

Não surge apenas esse depoimento patriarcal, mas, também as reflexões acerca da quebra de tabu existente no seio da sociedade de que o idoso não consegue manter sua vida sexual ativa por muitos e felizes duradouros anos. As experiências colocadas são frutos de uma

normatização social da cultura, onde Souza (2008), aponta a mesma enquanto responsáveis por condicionarem os sujeitos a reproduzir esses modelos normalizadores de comportamentos, seja da velhice como da masculinidade, ditando padrões identitários acerca da vida sexual.

Enfim, a última subcategoria a ser explana constitui-se da imagem corporal do idoso, onde o corpo cuidado foi ocasionado na comparação trazida pelo Sr.C a respeito do Sr.A, ao qual tem a mesma idade e um desgaste corporal divergente, reforçando a ideia de que ao passar dos anos, com as substancias tóxicas e uso dos prazeres em excesso modifica os aspectos da aparência física e a disposição para a realização de tarefas.

O Sr. C, aos 73 anos, exibe orgulhosamente o vigor do seu corpo e a posição que esse corresponde aos seus desejos, enfatizando que os cuidados que teve com o seu corpo no decorrer dos anos proporcionou uma velhice sadia e uma sexualidade e conservada, transparecendo em seus gestos a vontade de viver intensamente essa fase e o seu interesse em constituir um novo relacionamento.

Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) percebe essa concepção de desejo sexual na velhice como carregado de preconceito na sociedade, passando por uma construção de sentimento de culpa e vergonha em tê-los, além de que, muito se atribui negativamente ao idoso que conserva o seu instinto sexual reavivado, afetando diretamente elementos que mantem uma boa qualidade de vida.

Ao pensar sobre isso, há uma discussão acerca de até quando o homem e a mulher tem disposição e desejo para manter uma vida sexual, onde os mesmos compartilham opiniões um tanto diferente, pois enquanto o Sr. C diz que a sua ex-esposa perdeu o apetite sexual muito jovem, motivo este da separação, ele até hoje, aos 73 anos tem esse desejo bem acentuado.

Cabe ressaltar que Foucault não utiliza a categoria cuidado no sentido comumente adotado pelo campo da saúde pública e, em grande parte, vinculado à promoção da saúde e à ideia de autocuidado (evitação de riscos e adoção de comportamentos saudáveis). Trata-se de um compromisso ético com produzir a si mesmo, desenvolver práticas de liberdade frente aos discursos hegemônicos. Os participantes diante das rotulações impostos pela sociedade acerca da vida sexual da manutenção da sexualidade são muitos sucintos em falar que a sociedade respeito-os e percebe as suas limitações enquanto sujeitos detentor de direitos, contudo, ao se tratar da sexualidade ainda existe um tabu bem acentuado.

Em suas falas é possível notar que o homem sempre está em busca de uma companhia, não suportar a solidão, tendo em vista que, após separações a maioria buscou novos relacionamentos e salientam que as antigas esposas continuam sozinhas, justificando a perda do interesse sexual para elas, sendo que para eles tornam-se cada vez mais presentes.

O corpo é um forte produtor de sentido, seja na representação estética de beleza como de vigor físico, colocado como sendo um poderoso aliado para uma prolongação da vida. Coutinho, Tamatazi e Acosta (2013), destaca a apreciação desse corpo belo esteticamente pela reprodução midiática, um composto que traz o emblemático conceito de corpo perfeito e manipulável, deixando encoberto as representações sociais e individuais desse corpo para a vida do sujeito.

Na compreensão de que os comportamentos de risco como as bebidas alcoólicas, o cigarro, falta de métodos preventivos, alimentação desregrada, são fatores ao qual o corpo reage hoje são dados significativos para perceber que a masculinidade hegemônica vem sendo desmitificada na percepção dos participantes, mesmo que de forma sutil ou como resultados reais dos agravamentos advindos desse estilo de vida.

Foucault (1998) em seu texto sobre o uso dos prazeres remete-se a esses riscos e perigos também no contexto da sexualidade, onde o corpo sofre pelos excessos e pela escassez, os excessos que ligam o ato sexual sem as devidas precauções e aceitação dos limites dados aqui a sua escassez, pontuando deliberadamente que não se trata de uma sexualidade constituída de maldade e sim dos devidos cuidados.

Para compor a dimensão que o cuidado do corpo é atribuído como significante para o envelhecimento, Foucault (1985), apresenta o cuidado praticado com a saúde produz uma armação para os efeitos advindos da interação com os diversificados elementos emergidos pelo meio, tendo o corpo uma constituição de fragilidade, os efeitos são fatores de ordem negativa e positiva na composição deste corpo, através daquilo que o circunda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do estudo, pode-se perceber a relevância da pesquisa atribuída ao alcance do objetivo proposto, visto que, foi possível realizar uma compreensão dos significantes da

representação do corpo para o grupo de idosos estudado, a partir do momento que os desafios da sexualidade foram expostos em diversificados contextos, entre eles no que permite a desconstrução da masculinidade hegemônica, na identificação do corpo social, cultural e também individual, nos cuidados atribuídos a eles, nos desejos que os compõe, nas tentativas de denunciar as lesões ocasionadas pela falta de cuidado específicos no decorrer da vida e no processo do envelhecimento.

A construção de um diálogo que envolve as misturas de gêneros e compartilhamentos de informações, sintetizada nas insurgências de opiniões diversas sobre o corpo e a sexualidade no envelhecimento, leva-nos a crer que há um ponto discreto, revela-se o intercruzamento de conceitos mantidos pelas normas instaladas e na captação de novos paradigmas da contemporaneidade.

Sabe-se que o envelhecer nos dias atuais mostra-se enquanto uma tarefa difícil, pois em ao meio dos dilemas que exaltam a perfeição do corpo e o bom posicionamento físico e estético se encontra o idoso com seus impasses, não permitindo vivenciar esta fase como qualquer outra, carregando solenemente o peso da mídia, da família, da sociedade e dos seus processos individuais.

Refletir acerca das normas e dos valores que se mantiveram durante o percurso histórico cultural e social, a qual se posicionava aos sujeitos diante da execução de uma tipologia única de masculinidade, perderem aos poucos sutilmente as suas forças ao reconstruir os espaços e permite o ingresso de novas masculinidades e no compartilhamento do território que cabia somente ao feminino.

Além de que, os tabus sociais da assexuação do idoso vem rompendo barreiras antes percebida com intransponíveis, evidenciando nessa pesquisa a importância atribuída pelos mesmos em manter uma vida sexual ativa, mesmo que de forma silenciosa e regrada, no encontro com seu parceiro atual ou no compartilhamento com o parceiro de décadas.

Há de se convir que as mudanças ocasionadas pelo tempo e o confronto de ideais que dedilham esse corpo, os cuidados para a manutenção saudável da vida sexual, apresenta-se como fator importante para a aceitação das resistências e dos limites impostos pelo tempo neste corpo. A ideia de que os dilemas do corpo masculino ao chegar à velhice são correlacionados com os problemas em torno da impotência e de sua sexualidade perdem força em um declínio do composto que relaciona a sexualidade apenas ao seu órgão sexual.

Contudo, cabe neste contexto, ressaltar a importância de realizar estudos mais aprofundados acerca da mudança dos elementos socioculturais normativos para a vida do homem idoso, pois, diante da invisibilidade atribuída ao mesmo aos olhos da mídia e da sociedade, sobra o silêncio e angústia do não pertencimento, abrindo, aqui, um espaço a pensar acerca do declínio do reinado dos estereótipos localizados na velhice e na hegemonia de conceitos que determinam o lugar desse sujeito na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. dos S. Saúde e Beleza do Corpo Feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.9, n.1, p.119-143, 2003. <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2665>>. Acesso em 27 de Outubro de 2016

ANTUNES, P. P. S. Sim, elas envelhecem: problematizando a interseccionalidade entre gênero, sexualidade e idade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 23(1): 269-287, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2015000100271](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2015000100271)>. Acesso em 05 de novembro de 2016.

ARAÚJO, L; SÁ, E. C. do N.; AMARAL, E. de B. Corpo e velhice: um estudo das representações sociais entre homens idosos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 3, p.468-481, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300004)>. Acesso em 05 de novembro de 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa – Portugal. Edições 70, LDA, 2009.

COELHO, J. S; GIACOMIM, K. C; FIRMO, J. O. A. O cuidado em saúde na velhice: a visão do homem. **Revista Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 408-421, São Paulo, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902016000200408&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902016000200408&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em 06 de novembro de 2016.

CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. Vol. 21 (1): 241-282, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em 28 de novembro de 2016.

COUTINHO, R.X., TOMAZETI, R.V. e ACOSTA, M.A.de F. 2013. Representação de corpo na velhice: o corpo real versus o corpo social. **Revista Kairós Gerontologia**, 16(4), pp.215-236. São Paulo. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/19665>> Acesso em 14 de novembro de 2016.

DINIZ, E. R. S; RAMOS, K. Q. S. A morte do super-homem: corpo, saúde e identidades masculinas. **Revista Tem@**. Campina Grande, v. 7, n.10/11, p. 69-78, 2008. Disponível em: <<http://revistatema.facisa.edu.br/index.php/revistatema/issue/view/>> Acessado em 27 de outubro de 2016.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre – RS: Artmed, 2009.

FARO, L ;Chazan, K; Rohden, F.; Russo, J . Homem com "H": ideais de masculinidade (re) construídos no marketing farmacêutico. **Cad.Pagu**, Campinas, n. 40, p. 287-321, jun. 2013. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332013000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332013000100009&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 11 out. 2016.

FOUCAULT, M. (1988). **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

\_\_\_\_\_ (1984). **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

\_\_\_\_\_ (1985). **História da sexualidade 3: O cuidado de Si**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2005.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund / tradução Paulo César de Souza. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LE BETRON, D. (1999). **Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas – SP: Papirus, 2003.

LE BETRON, D. (1953). **A sociologia do corpo**. Trad. Sônia M.S. Fuhrmann. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, C. F. da M; RIVEMALES, M. da C. C. Corpo e Envelhecimento: uma reflexão – artigo de revisão. **Revista Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 153 - 166, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/22236/26997>> Acessado em 20 de outubro de 2016.

LOPES, F. H. Masculinidade(s): reflexões em torno de seus aspectos históricos, sociais e culturais. **Revista de Artes e Humanidade**. n. 8, p. 01-13, 2011. Disponível em: <[www.revistacontemporaneos.com.br/n8/dossie/masculinidadesreflexoes.PDF](http://www.revistacontemporaneos.com.br/n8/dossie/masculinidadesreflexoes.PDF)> Acessado em 23 de outubro de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. 2000. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica.

MAIA, G. F. Corpo e velhice na contemporaneidade. **Revista Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, 2008. Disponível em: <[www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a11.pdf](http://www.revispsi.uerj.br/v8n3/artigos/pdf/v8n3a11.pdf)> Acessado em 12 de novembro de 2016.

MATOS, C. L. A. **Envelhecimento, Terceira idade e consumo cultural**. III encontro baiano de estudos em cultura, Universidade Federal da Bahia, 2012. Disponível em: <[www3.ufrb.edu.br/ebecult/](http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/)>. Acessado em 25 de novembro de 2016.

MOTTA, A. B. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento**. Revista Sociedade e Estado. v.25, n.2, p. 225-250, Brasília, 2010. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200005)>. Acessado em 23 de novembro de 2016.

NÁSIO, J.D. **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2009.

NOGUEIRA, I. R. R; ALCÂNTARA, A. de O. Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando? **Revista Kairós Gerontologia**, 17(1), pp.263-282. São Paulo (SP), 2014. Disponível em <[revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article](http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article)>. Acessado em 25 de outubro de 2016

NETO, J. D. Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, v.20, n. 12, p. 3853-3864, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015001203853&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015001203853&script=sci_abstract&lng=pt)> Acessado em 29 de outubro de 2016.

POCAHY, F. A. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. **Revista Textura**, n. 23, v. 13, Canoas, 2011. Disponível em: <[periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/984](http://periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/984)> Acesso em 23 de Set. de 2016.

POCAHY, F. A. **Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento**. Tese (doutorado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre - RS, 2011. Disponível em: <[www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28822](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28822)> Acessado em 25 de Outubro de 2016.

RIBEIRO, O. Saúde, Masculinidade e Envelhecimento: Reflexões Sociais Numa Perspectiva de Gênero. In: STREY, M. N.; NOGUEIRA, C.; AZAMBUJA, M. R. (ORG). **Revista Gênero e Saúde: Diálogos Ibero-Brasileiros**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010. p.303-324. Disponível em <[books.google.com.br/books](http://books.google.com.br/books)> Acessado em 25 de Outubro de 2016.

RIBEIRO, Í. A. P. *et al.*. Percepção dos homens na terceira idade sobre sexualidade. **Revista interdisciplinar**. v.7, n.1, p. 78-84, 2014. Disponível em: <[revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/243](http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/243)> Acessado em 25 de Outubro de 2016.

RINALD, D. O corpo estranho. **Revista latina americana de psicopatologia fundamental**. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 440, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233019287003>> Acesso em 10 de outubro de 2016

ROHDEN, F. Capturados pelo sexo: a medicalização da sexualidade masculina em dois momentos. **Ciênc. saúdecoletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 10, p. 2645-2654, 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>> Acesso em 07 outubro de 2016.

ROSA, Carlos Mendes. **Envelhecer em tempo de juventude: corpo, imagem e temporalidade**. 2015. 153 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:<[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1311623\\_2015\\_completo.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1311623_2015_completo.pdf)> Acesso em 30 de outubro de 2016.

SILVA, S. G. da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicol.cienc. prof.**, 2006, vol.26, no.1, p.118-131. ISSN 1414-9893. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932006000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100011)> Acesso em 02 de novembro de 2016.

SILVA, F. C. F. da; MACEDO, M. M. K. A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 205-218, 2012. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722012000200009&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722012000200009&script=sci_abstract&lng=pt)> Acesso em 02 de novembro de 2016.

SILVA, M. M; VASCONCELHOS, A. L. R; RIBEIRO, L. K. N. P. Caracterização epidemiológica dos casos de AIDS em pessoas com 60 anos ou mais, Pernambuco, Brasil, 1998 a 2008. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 29(10): 2131-2135, 2013. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2013001000028](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013001000028)> Acesso em 04 de novembro de 2016.

SOUSA, J. L. Sexualidade na terceira na terceira idade: uma discussão da aids, envelhecimento e medicamentos para disfunção erétil. **DST – Socied. Bras. de Doenças Sex Transm.**; 20(1): 59-64. 2008. Disponível em:<<http://www.dst.uff.br/revista20-1-2008/9.pdf>> Acesso em 12 de novembro de 2016.

VIEIRA, K. F. L; COUTINHO, M. da P. de L; SARAIVA, E. R. de A. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Freqüentadores de Um Grupo de Convivência. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 196-209, 2016. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000100196&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000100196&script=sci_abstract&lng=pt)> Acesso em 11 de outubro de 2016.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460, jan. 2001. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200008/8853>> Acesso em 12 de outubro de 2016.